

Sobre Poéticas e Utopias, aportes para uma outra pesquisa educacional

About Poetics and Utopias: contributions to an alternative educational research

Sobre Poéticas y Utopías: aportes para una otra investigación educativa

CHRISTIAN FERNANDO RIBEIRO GUIMARÃES VINCI¹

RESUMO: Esse ensaio, em interlocução com o pensamento de Édouard Glissant e outros/as autores/as, buscará pensar os impactos do esgotamento de nossa força utópica para o campo das pesquisas educacionais e como, para superação desse obstáculo, passamos a experimentar a poética de outras cosmogonias em buscar de uma temporalidade capaz de escapar da lógica do progresso imposta por aquilo que Ailton Krenak denominou de vício em modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Poética da relação; utopia; vício em modernidade.

ABSTRACT: This essay engages with the thought of Édouard Glissant and other authors to examine the consequences of the depletion of our utopian force within the field of educational research. It addresses the ways in which, to overcome this obstacle, there has been an increasing engagement with the poetics of alternative cosmogonies. This search aims to find a temporality capable of transcending the logic of progress imposed by what Ailton Krenak describes as an addiction to modernity.

KEYWORDS: Poetics of relation; utopia; addiction to modernity.

RESUMEN: Este ensayo, en diálogo con el pensamiento de Édouard Glissant y otros autores, examina las consecuencias del agotamiento de nuestra fuerza utópica en el ámbito de

1. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

la investigación educativa. Se aborda cómo, para superar este obstáculo, se ha recurrido a la experimentación con la poética de otras cosmogonías. Esta búsqueda tiene como objetivo encontrar una temporalidad capaz de escapar de la lógica del progreso impuesta por lo que Ailton Krenak denomina el vicio de la modernidad.

PALABRAS CLAVE: Poética de la relación; utopía; vicio de la modernidad.

INTRODUÇÃO

Em *A Vida não é Útil*, Ailton Krenak (2020) denunciou o caráter predatório da cosmovisão moderna, uma cosmovisão de matriz eurocêntrica marcada pela prevalência de um certo vício em modernidade. Esse vício, voltado para alimentar um desejo incessante por permanência e poder, conduzir-nos-ia a uma busca por formas variadas de nos projetarmos “em matéria para além de nossos corpos” (KRENAK, 2020, p. 17), como se uma tal projeção pudesse nos garantir alguma espécie de eternidade ou uma forma de preservarmos o nosso espírito para além do tempo de nossa vida corpórea. O maior problema dessa projeção, passível de ser vivenciada por meio de artifícios diversos, residiria no afastamento em relação ao tempo do agora em prol de uma mirada para um futuro pretensamente prenhe de novidades e, em tese, aprimorado². Esse descompasso em relação ao próprio tempo, sempre por meio do entorpecimento causado pelo consumo de pretensas novidades envoltas em uma aura de ineditismo, promoveria uma desconexão vital com o “organismo vivo da Terra” (KRENAK, 2020, p. 18), impedindo-nos de vivenciar encontros potentes com as existências dependentes e integrantes desse mesmo organismo. Partindo dessa denúncia e convocando para essa prosa o poeta e filósofo martinicano Édouard Glissant, podemos dizer que um dos efeitos mais nefastos desse vício incide justamente sobre esse novo modo de nos relacionarmos com o tempo, mais especificamente na instauração de uma poética do progresso incapaz de nos permitir vivenciar verdadeiros encontros com uma miríade de existências, humanas e mais-que-humanas. Esse ensaio, em um diálogo com o pensamento de Glissant e de outros/as autores/as, procurara pensar a questão da temporalidade e seus impactos para o campo da pesquisa educacional, mormente levando em

2. Esse jogo de projeção funciona como uma das grandes formas de governo do tempo no capitalismo, conforme notou Elizabeth Povinelli (2024). A aposta em um bem por vir, em um progresso qualquer, opera como um modo de naturalizar e justificar o dano social sistemático inerente ao capitalismo, algo prolongado e intensificado com a lógica neoliberal.

consideração o esgotamento da força utópica produzida pela concepção de progresso propagada por esse vício de modernidade vislumbrado por Krenak. Ainda, buscará apresentar alguns apontamentos sobre os modos éticos como temos nos relacionados com esses outros saberes, ditos ancestrais, na tentativa de forjar uma saída para o esgotamento de nossa capacidade de sonhar outros mundos.

SOBRE POÉTICAS E ENCONTROS

Glissant, ao longo de sua vasta obra, dedicou-se a pensar as poéticas responsáveis por modular a nossa existência. Poéticas, para o pensador martinicano (GLISSANT, 1997a), seriam o meio comum a partir do qual toda e qualquer forma de existência pode vir a se relacionar com outra forma de existência. A poética, assim, seria o meio sensível por meio do qual trocamos afetos e forjamos alianças, um espaço para encontros potenciais com a diferença. Para Glissant (2022), ainda, existiriam poéticas naturais e poéticas forçadas. As poéticas forçadas caracterizavam-se por uma imposição de formas expressivas e modos sensíveis passíveis tanto de operar como contrapoéticas, responsáveis por tensionar poéticas consolidadas e impostas, quanto como uma poética hegemônica, impositiva e voltada para calar formas autônomas de expressão e encontros não premeditados por certas categorias. As poéticas ditas naturais, por seu turno, seriam compreendidas como a manifestação autônoma e desimpedida de uma coletividade, algo espontâneo ainda que surgido em resposta a uma forma de coerção qualquer. Ao longo de sua obra, Glissant (2021) procura pensar modos de relacionar essas distintas poéticas, colocando-as a serviço da produção de uma outra sensibilidade que passa pelo confronto e estabelecimento de um diálogo muitas vezes tensionado entre poéticas naturais e poéticas forçadas, sobretudo em seu modelo hegemônico, na tentativa de instaurar uma contrapoética apta a abrir nossa sensibilidade para a criação de outros mundos possíveis. Apenas por meio de uma abertura sensível à diferença, argumenta Glissant (1997a), podemos forjar alianças em prol de um mundo outro, mas essa abertura necessita passar por esse jogo entre poéticas distintas.

Podemos pensar aquele vício em modernidade denunciado por Krenak como algo derivado de uma certa poética forçada hegemônica, a poética da modernidade. Uma poética interessada em estabelecer uma outra relação com o tempo, uma relação capaz de impor uma cisão entre formas de existência interessadas unicamente no progresso e voltadas para um futuro redentor e formas de existência

desinteressadas desse desejo por eternidade e preocupadas em viver o tempo do agora. Por conta dessa poética, aquelas formas de existência voltadas para o futuro são consideradas superiores, sobretudo por sua capacidade racional em se projetar para além do tempo do agora, enquanto as formas de existências menos adeptas dessa ânsia pelo novo passam a ser vislumbradas como inferiores quando não bárbaras, entaves para a instauração da cosmovisão moderna. Para Glissant (2000), a poética moderna criou uma cisão entre modos de existir, impondo uma distância entre esses modos por vezes intransponível e dificultando o estabelecimento de encontros entre formas de existência distintas. Como paga, imersos nessa poética moderna, deixamos de sonhar outros mundos e restamos presos a essa lógica do progresso a qualquer custo³. Ora, como recuperar essa capacidade de imaginar outros mundos, essa capacidade de nos relacionarmos com outras formas de existência?

Glissant (1997b), uma vez mais, aposta na potência da palavra, especificamente da palavra das comunidades violentadas por essa cosmovisão moderna, aquelas ainda possuidoras de uma intenção poética ou de uma poética natural. A palavra, na concepção do pensador martinicano (GLISSANT, 2021), sempre figurou para diversos povos como um ato de resistência, quicá o ato de sobrevivência primordial.

O ato de sobrevivência. No universo mudo da plantação, a expressão oral, a única possível para os escravos, organiza-se de modo não contínuo. A aparição dos contos, provérbios, ditados, canções, tanto no universo da língua crioula quanto alhures é marcada por essa descontinuidade. [...] Trata-se de uma forma de literatura que, esforçando-se em exprimir o que é proibido designar, encontra, contra essa censura orgânica, meios cada vez mais ariscados. A literatura oral das plantações assemelha-se, desse modo, às outras técnicas de subsistência – de sobrevivência – implementadas pelos escravos e seus descendentes diretos. (GLISSANT, 2021, p. 97).

Essa palavra que resiste ao julgo da cosmovisão moderna e que passa de geração em geração chama a atenção de Glissant (1997a; 1997b; 2022), para quem deparamos com sua manifestação em expressões artísticas diversas, da literatura de William Faulkner até as cantigas de ninar que embalam o sonho de algumas crianças. Para o autor (GLISSANT, 2021), embora tal palavra soe distante de nosso modo de existir

3. Krenak, corroborando tal prognóstico, sugere que a cosmogonia moderna nos conduziu ao coração de uma distopia, deixando-nos reféns de uma sensação de que “em vez de imaginar mundos, a gente os consome” (KRENAK, 2020, p. 69).

urbano e imerso na cultura consumista, deparamos também com resquícios de sua força disruptiva em produtos culturais como no jazz, no samba, no reggae e em outras tantas expressões artísticas dos povos que vivenciaram o abismo, que não viram outra forma de lidar com a violência da colonização senão por meio de uma criação qualquer. Dizendo sem dizer, esses atos de resistência recontam a violência sofrida e angariam adeptos interessados na promoção de outros modos de existir, aliançando-se rumo a um outro comum. Sua potência, contudo, não reside em sua força de atuarem como contrapoéticas apenas, mas também em sua capacidade de imporem uma outra relação com o tempo. O tempo da narrativa, o tempo do sonho, o tempo da vadiagem e assim por diante. Outros tempos, quiçá menos atrelados à lógica do progresso.

Ora, por qual razão recuperar uma tal discussão no interior do campo das pesquisas educacionais? O vício em modernidade marcado por uma ode ao progresso e ao ineditismo sempre pairou como uma sombra sobre o campo educacional, como se não fosse possível pensarmos uma pesquisa em educação que não estivesse voltada para o aprimoramento da área, para a sua renovação ou algo similar. Não por outro motivo, caso optemos por estender o prognóstico realizado por Júlio Groppa Aquino (2013) acerca do universo escolar para o campo das pesquisas educacionais, nosso trabalho na maioria das vezes soa como insuficiente, incapaz de atender os apelos progressistas a ele lançados por esse aspecto do vício em modernidade. Afinal, como atender de maneira eficiente e adequada os apelos civilizacionais impostos ao campo educacional e cujas pesquisas deveriam vir a ofertar respostas? Como atender esse sonho desvairado pelo progresso a qualquer custo, muitas vezes às custas da simplificação de nossas ideias e diagnósticos em uma metodologia de fácil aplicação ou algo que o valha? Geralmente, diante da sobrecarga de missões que lhe são conferidas, a pesquisa em educação passa a soar como anacrônica, defasada, inútil e assim por diante. Bem, parece-nos que o campo da pesquisa educacional também se vê às voltas com esse lado sombrio do vício em modernidade.

Há tempos, contudo, a pesquisa educacional lida com tentativas de renovação, procurando atrair para seu interior pensamentos que, embora dentro de certa visão eurocêntrica, tensionam a cosmogonia moderna (VINCI, 2018). É o caso, por exemplo, dos trabalhos alinhados ao dito pensamento da diferença ou, mais recentemente, aqueles envolvidos na forja de alianças com outras cosmogonias, recuperando a poética de autores/as por vezes afastados dos meios acadêmicos e distantes do cânone ocidental. A recuperação da tradição de pensamento ameríndia, quilombola e tantas outras vertentes de pensamento se faz, muitas vezes, por meio

da experimentação das ideias transmitidas por meio da arte desses povos, na busca pela construção daquilo que Glissant (2021) denominou de *Poética da Relação*. Uma poética voltada para a forja de um encontro, na busca por um saber passível de ser compartilhado entre mundos distintos e capaz de permitir a fabulação de um mundo por vir, ainda por ser inventado. Uma poética, pois, capaz de deslocar elementos da poética natural de certas culturas para tensionar a poética forçada da modernidade. Quilombolas, indígenas e tantas outras existências, carregam consigo uma força poética ímpar, aquela responsável por fazer-lhes sobreviver ao abismo da colonização. Recuperar seus saberes, por meio de suas palavras, de seus mitos ou de sua arte, não significa elegê-los como o povo eleito, mas respeitar sua memória, sua contrapoética, na tentativa de experienciar um pouco uma relação com outra temporalidade que não aquela do progresso. Sobre essas existências, Glissant vaticina:

Os povos que frequentarem o abismo não se vangloriam de terem sido eleitos. Eles não pensam que estão dando luz às potências das modernidades. Eles vivem a Relação que eles semeiam conforme o esquecimento do abismo lhes vem e na mesma medida em que sua memória se fortalece. [...] A Relação não é de estranheza, mas de conhecimento partilhado. Podemos dizer agora que essa experiência do abismo é a coisa mais bem trocada. (GLISSANT, 2021, p. 32-33)

De um lado, pesquisadores/as em educação criados dentro dessa matriz de pensamento eurocêntrica, imersa no vício em modernidade; do outro, esses saberes construídos há tempos imemoriais, transmitidos de formas precárias muitas vezes e que hoje emergem como uma forma de tensionarmos a cosmogonia moderna que tomou de assalto o campo da pesquisa educacional. A recuperação de suas palavras e sua arte surge como uma forma de conferir um outro caminho ao nosso pensar, um caminho menos ligado ao vício de modernidade do qual somos reféns. A busca por alianças com essas outras cosmogonias, por meio da recuperação de sua filosofia e de sua cultura, apresenta uma potência singular para a renovação do campo educacional, por permitir sonharmos outros mundos que não aquele do progresso sem fim e, mais, nos ajudam a compreender o quanto esse sonho moderno, responsável por colonizar o nosso imaginário, esgotou a nossa força utópica.

O FIM DA UTOPIA E A TEMPORALIDADE MODERNA

Uma das formas de compreendermos a denúncia do caráter destrutivo da cosmovisão moderna realizada por Krenak seria tomá-la como matriz do argumento de autores como Aníbal Quijano (2019), para quem essa cosmovisão foi a responsável não apenas por fornecer as bases para um projeto de colonização de territórios e povos inteiros, mas também acabou por colonizar o nosso imaginário. O vício por modernidade, portanto, seria mais uma das perversas manifestações daquilo denominado por Quijano (2019) de *colonialidade do poder*, atuando especificamente na reconstrução da nossa relação com o tempo. Quijano, em alguns momentos de sua obra, ao tratar da questão do tempo, costuma destacar dois conceitos fulcrais para pensarmos esse processo: o de *reoriginalização* e o de *regresso do futuro*. Enquanto a *reoriginalização* diria respeito a refundação de todos os nossos modos de nos referirmos ao passado pré-colonial e aos modos de existência ali gestados, elaborando uma narrativa na qual impreterivelmente a origem do mundo remonta aos eventos promovidos no e pelo sistema mundo europeu, como se não houvesse nenhuma possibilidade de pensarmos o mundo senão dentro da égide da história do capitalismo; o *regresso do futuro*, por sua vez, aponta para um processo de resistência na qual estabelecemos alianças com existências emergentes, tais como as diversas comunidades indígenas cujo cosmovisão foi obliterada por aquela de matriz moderna, a fim de tensionar e problematizar a colonialidade do poder dominante. De algum modo, em Quijano (2019), o *regresso do futuro* combate a *reoriginalização* promovida pela cosmovisão moderna, responsável por naturalizar a história do capitalismo, como se seu desenvolvimento fosse decorrente de um processo natural e necessário. Por qual razão recuperar essa discussão?

Ora, a *reoriginalização* traz como horizonte último a ideia de progresso, uma ideia fulcral para o vício de modernidade aventado por Krenak. Não existe história senão aquela vivenciada e disparada pelo norte global – Europa sobretudo –, tampouco existe cultura que não a de matriz eurocêntrica. Qualquer comunidade, para se fazer ouvir, adquire o direito de aparecer apenas quando do contato, violento na maior parte das vezes, com os povos do norte global e seus valores. Como paga por essa colonização de nosso imaginário, passamos a sonhar um único e mesmo sonho: o sonho do progresso, o sonho da modernidade. Progresso e modernidade definidos por esse anseio em nos projetarmos para um futuro qualquer, ignorando o aprendizado possível de advir do passado e da relação com outras existências. Esse sonho único, em verdade, tal qual uma espécie de parasita onírico, impossibilita-nos de pensar outros mundos, outras formas de nos relacionarmos com o *organismo vivo da Terra* (KRENAK, 2020) e com

entes humanos e mais-que-humanos. Em linhas gerais, esse sonho único, retornando ao argumento de Glissant (2021), implica justamente na perda de nossa força utópica.

Glissant, embora não recorra ao cabedal analítico mobilizado por Quijano, apresenta em sua obra inúmeros pontos de contato com seu pensamento. Podemos pressupor que a poética forçada da modernidade, aquela responsável por impor um modo de nos relacionarmos com o nosso entorno e com os demais entes, atua ao lado da *reoriginalização*, especificamente ao propor um acento na visão de progresso de matriz eurocêntrica, sempre em vistas de um futuro mais benfazejo e promissor. Ora, seria como se essa poética, ao se impor sobre inúmeras comunidades, forçasse todas as existências a pensarem sua cultura em termos de diacronia, em termos de uma progressão evolutiva rumo a um padrão identitário visto como superior e naturalmente melhor. Logicamente, com Quijano (2019), entendemos que tal padrão deriva do sistema mundo europeu. Para nós, pesquisadores/as do campo educacional, essa poética se manifesta em uma compreensão de que a pesquisa em Educação deve sempre servir ao progresso de nossa área, trazendo novidades, melhorias e assim por diante, em um horizonte de evolução constante. Não apenas, sob a égide do progresso, a pesquisa em educação assume uma tarefa salutar, voltada para a melhoria dos modos de existência. Ocorre que essa melhoria responde aos critérios estabelecidos pelo sonho do progresso, impostos pelo vício em modernidade. Naturalizamos a tal ponto esse precedente que sequer questionamos para onde nos encaminhamos com essa sanha por progresso, sequer questionamos quais violências cometemos quando desejamos a qualquer custo inovar. Por esse motivo, como insiste Glissant, cada dia mais temos percebido a necessidade de recuperarmos a intenção poética de alguns povos, forjando com elas alianças.

Essa intenção poética, como nota Glissant (1997b), resiste e se prolifera em manifestações orais – contos, canções, cantigas e assim por diante – e representações imagéticas de comunidades que sofreram com o abismo colonial. Esses povos, diante da violência colonial, praticam o desvio (GLISSANT, 2021), levando para o coração de formas de expressão impostas pela cosmovisão moderna um cadinho de sua forma poética de existir. Por esse motivo, hoje, buscamos recuperar esse legado no campo da pesquisa educacional, por compreendermos vigorar nas palavras e imagens dessas comunidades uma outra possibilidade de mundo, uma outra temporalidade no qual a utopia ainda seja possível, uma utopia que não vise o progresso a qualquer custo, mas mire as potências do tempo do agora. Para tanto, ainda com Glissant (1997a), precisamos ressignificar nossas palavras, deixando de

lado o vício em modernidade da qual são portadoras em prol de sentidos outros, menos projetivos. As nossas palavras, quando imersas nesse vício em modernidade, são danosas, não apenas para aqueles/as que as pronunciam, mas para todos/as que com ela se deparam. David Kopenawa, ao comentar sobre os danos causados pelas palavras dos brancos, cria a bela metáfora da substituição do silêncio da floresta por esse barulho ensurdecedor propagado pela boca dos brancos, responsável por fixar a mente de sua comunidade em um outro lugar, um alhures qualquer.

A floresta perdeu seu silêncio. Palavras demais nos vêm da cidade. Vários de nós foram até elas para tratar de doenças ou defender nossa floresta. Brancos visitam sempre nossas casas. Suas palavras entrem em nossa mente e a tornam sombria. Esses forasteiros não param de nos preocupar, mesmo quando estão longe de nós. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 226).

Essa contaminação pela palavra dos brancos, fez com que os olhos e os ouvidos dos Yanomamis se voltassem para longe da floresta, tornando-os alheios ao seu entorno. Para Glissant (2000), conforme enunciado em *Pays Révé, Pays Réel*, esse destino não recaiu somente sobre os Yanomamis, mas a toda e qualquer comunidade que entrou em contato com a poética do progresso de matriz eurocêntrica. O desejo por um alhures, um imaginário preocupado sempre com um outro tempo ou com um outro espaço, marcam essa poética. Imaginamos um outro espaço, uma outra realidade e, com isso, deixamos de pensar na concretude do nosso agora, deixamos de ouvir o silêncio do nosso entorno por conta dessa balburdia sonora disparada por essas palavras preches de um futuro que talvez sequer se realize. Por mirarem um alhures, quase sempre inalcançável, as palavras embebidas desse imaginário, impõe um único destino a todos/as que com elas se deparam e, assim, calam qualquer outra forma de sonhar, qualquer outra forma de se relacionar com o espaço sensível que nos rodeia. Impedem-nos, pois, de vivenciarmos um encontro.

Podemos pensar, seguindo os rastros abertos por Glissant (2021; 2024), que qualquer encontro necessita de uma partilha, uma partilha de um espaço e de um tempo comuns. Podemos nos encontrar em um mesmo espaço, mas sem partilharmos um mesmo tempo. Qualquer educador/a entende bem essa situação, bastando lembrar das experiências vivenciadas em sala de aula. Nesse espaço, na maioria das vezes, embora compartilhemos um mesmo espaço, não necessariamente vivemos um mesmo tempo. Enquanto seguimos com nossa exposição, sentimos que um almeja o após a aula, a promessa de diversão ali encerrada, enquanto outro um futuro

qualquer, no qual poderá usufruir de uma situação diferente e talvez melhor. Até mesmo nós, educadores/as, podemos ficar indiferentes ao tempo do agora de uma sala de aula, preocupados em passar um conteúdo qualquer, importante apenas para os fins de uma avaliação futura. Dificilmente conseguimos nos sintonizar, uma vez que nossos tempos não parecem dialogar. Outras vezes, porém, partilhamos um mesmo tempo, conseguimos nos sintonizar com uma ou outra existência, mas não o mesmo espaço. As redes sociais facilitam essa sintonia temporal, por exemplo, embora a distância espacial nos impeça de transmutar essa sintonia em uma aliança concreta, duradoura. Ali, nesses canais, nos conectamos com grupos com os quais partilhamos interesses, mas essa mutualidade não necessariamente implica a construção de alianças, mesmos os encontros previstos são lançados para um eventual futuro que pode nunca ocorrer. Logicamente, não queremos dizer que nesses meios não exista potência, mas há um limite na composição de alianças, uma vez se tratar de um espaço descontínuo. Para extrair sua máxima potência, precisamos conectar esse espaço com algum outro, mais próximo de nós e nem sempre isso é possível. Sem essa conexão, o espaço ali vivenciado apenas canaliza a potência de nossos encontros e a cala, deixando-a presa em um engajamento de fôlego curto, uma hashtag ou algo que o valha. Os encontros, portanto, são algo cada vez mais difíceis de vivenciarmos, necessitando para sua experimentação de uma mudança sensível, uma forma de experimentarmos uma outra relação com tempo e espaço.

Por não conseguirmos vivenciar mais encontros, perdemos a capacidade de nos relacionar e essa perda se reflete na incapacidade de sonharmos futuros. Não são raros os diagnósticos voltados para pensar esse esgotamento de nossa força utópica, pensemos por exemplo no diagnóstico traçado por Mark Fisher (2023). Para o autor, a cosmovisão moderna produziu uma aceleração em nossa maneira de existir ao ponto de no tornar insensíveis para lidar com o tempo do agora. Melancólicos, mirando sempre um alhures qualquer, deixamos de pensar nas potencialidades desse nosso presente, em suas promessas, como se não houvesse nada aqui e agora capaz de gerar uma mudança em nosso modo de existir. A juventude, mais imersa nessa cosmovisão por causa do apelo consumista do qual são vítimas, goza daquilo denominado por Fisher de *hedonismo depressivo*, um estado no qual vigora uma letargia sem fim somado a busca por prazeres efêmeros. Nesse estado, quase toda a energia vital dessas existências é canalizada para o consumo de produtos pães de promessas de felicidade, produtos de consumo fácil e passíveis de serem descartados rapidamente. Não há qualquer tentativa de se engajar em processos de mudança mais radical, uma vez que

o imaginário vendido por esses mesmos produtos está imerso no discurso da impossibilidade de mudanças globais. Por esse motivo, ciente desse quadro, Fisher insistiu na ideia de que, hoje, vivemos em uma sociedade na qual seria mais fácil imaginarmos o fim do mundo tal qual existe do que o fim do capitalismo. Em outros termos, seria mais fácil imaginarmos a nossa extinção do que a possibilidade de modificarmos a nossa existência coletiva. Uma outra autora, Nancy Fraser (2022), embora se situe em um outro rincão teórico, corrobora o diagnóstico de Fisher. Para a autora de *Justiça Interrompida*, uma das maiores expressões da condição pós-socialista na qual vivemos seria justamente a perda de nossa capacidade utópica, uma perda derivada de nossa incapacidade de nos organizarmos coletivamente em torno de um projeto comum. Sonhar outro mundo, portanto, tornou-se uma tarefa impossível.

Os diagnósticos acima arrolados, a despeito de suas especificidades, apontam para essa perda de nossa força utópica enquanto expressão maior da falência de nossos modos de existência. Essa perda, por seu turno, coligar-se-ia com uma dificuldade de lidarmos com o tempo do agora, com as potências constitutivas desse nosso mundo. Mesmo dentro de um campo progressista, não conseguimos deixar de mirar para um alhures, um futuro mais promissor e benfazejo, ou seja, não conseguimos nos livrar dos mitos do progresso, suas promessas vazias. Para contornar essa nossa perda utópica, pois, Glissant nos convida a nos relacionarmos com esses outros modos de existir, imersos em uma outra temporalidade, mas essa relação, hoje tão corriqueira no campo das pesquisas educacionais, necessita de uma certa atenção ética. Nesse sentido, encaminhando para a conclusão desse ensaio, gostaríamos de apresentar algumas inquietações para os/as pesquisadores/as em educação que tem experimentado os saberes quilombolas, indígenas e tantos outros.

POR UMA ÉTICA DA RELAÇÃO: À GUIA DE CONCLUSÃO

Elizabeth Povinelli, em *Catástrofe Ancestral: existências no liberalismo tardio*, em certa altura de sua obra lança uma provocação aos/às seus/suas leitores/as, qual seja:

[...] muitos daqueles que fazem parte do longo braço da diáspora europeia estão recorrendo aos povos indígenas e nativos em busca de conhecimentos ancestrais sobre a relação sustentável de vida com a terra. Note-se, porém, que eles buscam um conhecimento isento das reais condições do mundo onde vivem os povos indígenas. A questão não é “contem para nós como vocês se mantiveram no lugar depois do longo

massacre do colonialismo racial”, e sim, mais tipicamente “as condições pré-coloniais nos oferecem conhecimento para deter a catástrofe por vir ou então para sobreviver a ela?”. Se os indígenas respondem “não”, ou então “não vamos contar”, quem pergunta vai embora? Se sim, o que isso diz sobre a distribuição da preocupação social que motivou a pergunta? A pergunta é para entender o que o colonialismo fez e continua a fazer ou quer apenas salvar a pele de quem pergunta? (POVINELLI, 2024, p. 103).

A pergunta formulada por Povinelli nos coloca diante de uma questão ética: afinal, por qual razão resgatar essas outras cosmogonias, para entender e problematizar o caráter violento dessa nossa cosmogonia moderna ou apenas para tentar frear a catástrofe gerada por ela? Em outros termos, tal resgate não seria mais um daqueles artifícios vislumbrados por Ailton Krenak (2020) ao se referir ao vício em modernidade do qual padecemos? Mais uma tentativa, em suma, de buscarmos alguma espécie de permanência ou a ilusão de que vamos continuar existindo? Pode o ser, mas seja como for, Povinelli, com essa provocação, apenas recupera uma discussão lançada décadas atrás por Glissant (2000), para quem essa tentativa de recuperar os saberes e os dizeres daqueles que vivenciaram o abismo do colonialismo pode resultar em uma colonização simbólica de seus imaginários. Em *Pays Rêvé, Pays Réel*, Glissant insiste no fato de que a falência de nossa força de sonhar outros mundos teria dado origem a um outro projeto de colonização, quiçá ainda mais perverso, voltado para a dominação dos sonhos alheios. Por esse motivo, o pensador martinicano insistirá em suas obras tardias na necessidade de pensarmos uma ética da Relação. Como nos relacionarmos com outras culturas, com essas outras cosmogonias nos quais o sonhar não se esgotou, sem recairmos em uma colonização de seu imaginário?

Para o campo das pesquisas educacionais, cada vez mais interessadas na recuperação de outras poéticas a fim de modificar sua maneira de pensar e sentir os seus problemas, tal provocação lança desafios. Será que buscamos nos relacionar com o pensamento indígena, quilombola e outros, visando salvar a nossa pele ou buscando realmente construir uma relação? Ainda operamos, mesmo sem o perceber, sob a égide do progresso, buscando conferir um tom salvacionista aos nossos trabalhos? Conforme notamos alhures (VINCI, 2018), a pesquisa educacional tem procurado operar sobre uma outra poética, uma poética interessada em promover uma outra sensibilidade, uma sensibilidade mais aberta aos encontros com a diferença sobretudo. Nesse sentido, a relação com outras cosmogonias, mormente aquelas ainda capazes de sonhar, mostra-se algo interessante e benfazejo, por trazerem para o coração da

pesquisa educacional formas de acessarmos outros mundos que não aquele nosso impregnado pelas mazelas do vício em modernidade. Glissant, por seu turno, nos ajuda a pensar um modo de nos relacionarmos com essas outras cosmogonias sem recairmos em um novo processo de colonização, lançando-nos um desafio ético que, para se sustentar, exige compreendermos a necessidade de diferentes temporalidades conviverem. O tempo do progresso não deve se sobrepor ao tempo do sonho, tampouco o tempo do sonho deve ser vivenciado como uma espécie de substituto. Enquanto vítimas do vício em progresso, dificilmente conseguiremos nos livrar do horizonte imposto às nossas pesquisas pela cosmogonia moderna. Isso não nos impede, contudo, de procurar estabelecer relação com outras formas de existência, com outras formas de conceber a temporalidade. Essa relação, por seu turno, deve ocorrer de forma horizontal, por meio da experimentação dessas outras cosmogonias não como um modo de sairmos desse nosso espaço marcado pelo vício em modernidade, mas como uma forma de tensionarmos esse espaço, problematizando-o.

Ainda resta, por fim, inventarmos uma ética para essas nossas formas de pesquisar em relação com outras cosmogonias. Essa ética, contudo, não deve possuir regras a priori, deve ser uma ética aberta à experimentação de temporalidades outras, de modos outros de pensar o existir, mas compreendendo que tal experimentação não nos livrará dos vícios causados pela cosmogonia moderna. Não devemos buscar no pensamento indígena ou quilombola uma salvação para nossa existência, não se trata disso. Nossa experimentação dessas cosmogonias deve se dar por meio de uma poética, uma abertura sensível para o modo próprio desses povos existirem, mas uma abertura que não procura mimetizar sua cosmogonia em uma fórmula benfazeja capaz de nos salvar da catástrofe que se abateu sobre nós e nos impediu de sonhar outros sonhos que não aquele do progresso desenfreado. Essa poética, demandando uma ética do cuidado para com o outro, entende que, uma vez condenados, nada nos resta senão tensionar o nosso modo de existir, o nosso modo de pensar, o nosso modo de pesquisar. Tensionar visando apenas alargar horizontes e, quem sabe, produzir zonas de respiro, efêmeras. Glissant (2021) insiste sobre a importância de aprendermos a errar sem nos perder, sobretudo aqueles/as imersos no vício em modernidade. Errar compreendido como uma abertura para os desvios produzidos pelas palavras e imagens vivenciadas pelas comunidades violentadas pela cosmogonia moderna, mas isso não implica nos perdermos em espaços de pensamento ou em formas de existência que não nos pertencem. Jamais mimetizaremos o pensamento dessas comunidades e não devemos buscar tal empreitada, correndo

o risco de objetificar essas existências em ideias salvacionistas visando impedir ou frear a catástrofe produzida por nosso vício em modernidade. Trata-se, antes, de buscarmos produzir encontros, estabelecer relação, inventar uma outra poética. Oxalá permita que nossas pesquisas possam errar em sua poética do progresso, experimentando outras tantas poéticas, mas sem se perder nestas.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa. Pedagogização do pedagógico: sobre o jogo do expert no governmento docente. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 02, p. 201-209, 2013.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.
- FRASER, Nancy. **Justiça Interrompida**: reflexões críticas sobre a condição pós-socialista. São Paulo: Boitempo, 2022.
- GLISSANT, Édouard. **L'Intenion Poétique**: poétique II. Paris: Gallimard, 1997b.
- GLISSANT, Édouard. **Pays Rêvé, Pays Réel**. Paris: Gallimard, 2000.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**: poética III. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GLISSANT, Édouard. Poética natural, poética forçada. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 32, v. 1, p. 149-161, 2022.
- GLISSANT, Édouard. **Soleil de la Conscience**: poétique I. Paris: Gallimard, 1997a.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **A Vida não é Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- POVINELLI, Elizabeth. **Catástrofe Ancestral**: existências no liberalismo tardio. São Paulo: Ubu editora, 2024.
- QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la Colonialidad del poder**. Ciudad Autonoma del Buenos Aires: Ediciones del signo, 2019.
- VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. Sobre o rigor poético do artista: uma outra concepção de ciência. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, p. 258-281, 2018.

SOBRE O AUTOR

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci é professor no Departamento de Filosofia e História da Educação-DEFHE da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Integrante dos grupos de pesquisa CNPq: PHALA – Grupo de Pesquisa Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais (UNICAMP) e OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais (UNICAMP).

E-mail: vinci@unicamp.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2914-3032>.

Recebido em 15 de novembro de 2024 e aprovado em 03 de fevereiro de 2025.